

LAERTE E A EXPRESSÃO “TRANS” POR MEIO DAS TIRAS DA MURIEL: PELO DIREITO DE SER DIFERENTE

Silvana de Araújo Vaillões – silvailloes@gmail.com

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

RESUMO: Este estudo pretende analisar algumas das tiras da cartunista Laerte Coutinho, compreendendo a série intitulada “Muriel”, considerando sua pertinência educativa, já que revela um novo olhar sobre a questão. Diante do fato de que essa cartunista assumiu sua identidade de gênero feminina, passando a militar pelas causas “trans” e recebendo visibilidade na mídia e em eventos pertinentes à temática, considera-se de relevância o seu trabalho, já que as tiras não se desvinculam de sua militância pela causa. A pesquisa basear-se-á em teóricos que estudam a teoria *queer*, cujas discussões mais se vinculam aos discursos da cartunista em questão, como Butler (2011) e Louro (2008). As tiras foram escolhidas de maneira aleatória, priorizando as que tematizassem a respeito dos direitos e da dificuldade de adaptação à sociedade, que é enfrentada pela maioria das trans.

PALAVRAS-CHAVE: tiras; identidade de gênero; teoria *queer*; educação.

*“Sim, sou muito louco
Não vou me curar
Já não sou o único
Que encontrou a paz!
Mais louco é quem me diz!
E não é feliz! Eu sou feliz!”
Mutantes – Balada do Louco*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo não se revela em passos firmes, mas reflete pequenos desejos. Sentimentos que me assaltam no meio da noite, me fazem levantar da cama e escrever, pois não me querem sonolenta. Esses pequenos desejos querem falar de algo inusitado, difícil e complexo em uma sociedade cheia de tabus e “verdades” cristalizadas. Impulsionam-me a curiosidade e a vontade de ver o olhar das pessoas diante dessa temática. Falar de algo que se conhece, já não seria fácil. Mas, falar de algo que desconstrói nossas convicções é ainda mais complicado e arriscado. No entanto, eu preciso falar. A força com que me impelem esses pequenos desejos é grandiosa e devastadora.

Move-me a experiência que vivi em minha casa, ao ver a dificuldade enfrentada por meu irmão, homossexual, assim como a experiência que tive com amigos e conhecidos. Quão difícil é ser “diverso” nessa sociedade de iguais: caixas prontas que não se abrem e, mesmo quando se abrem, carregam o peso de terem sido caixas fechadas pela vida toda.

Falar de algo assim é, nesse sentido, instigante. Mas não tenho intenções de um estudo esclarecido e objetivado: tenho pequenos desejos. Desconcertar, desfazer, olhar de perto, perceber, conhecer, me maravilhar. Para isso, minhas primeiras vontades apontaram para a utilização dos discursos da cartunista Laerte, seus quadrinhos e suas falas, a fim de perceber como acontece a discussão sobre transgêneros e transexuais nos espaços sociais. É preciso pensar na figura de Laerte que, ao assumir sua identidade de gênero feminina, colocou em foco várias questões das quais procuramos fugir, realizando um movimento esclarecedor sobre isso, mas, ao mesmo tempo, questionando e desconstruindo sentimentos e a própria realidade que se conhece.

Não tenho a intenção de entender, nem de explicar os motivos pelos quais ela fez isso. Não quero discutir inclusão, questionar nada. Almejo refletir sobre como isso acontece, como essas pessoas se percebem, quais suas ideias, suas vontades e desfazer os conceitos que tenho sobre sexualidade-gênero e sexo. Para isso, vou me apoiar nos “pequenos desejos” desenvolvidos pela teoria *queer*, já que foi essa teoria que melhor se coadunou a minhas inquietações de pesquisadora.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, o “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2008, p. 08).

Quero ver o diferente, sentir-me diferente, perceber e enlouquecer com tantas possibilidades: “*Eu quero é botar meu bloco na rua/ Brincar, botar pra gemer...*”¹

2 “AQUENDANDO” A QUESTÃO

Nossa sociedade não é justa e nem igual para todos. Os diversos são parâmetro para os comuns. Assim, a curiosidade e o tabu se misturam. As pessoas não querem falar, mas são mais curiosas e a curiosidade acaba por ser mais forte do que o medo: todos querem conhecer. Isso se prova com a quantidade de entrevistas que Laerte tem concedido. De repente, todos querem saber por que um homem branco, de classe média, conhecido por seu trabalho resolveu se travestir de mulher. “Qual é a desse cara?” Angeli³, andando na rua, já ouviu a voz que vinha de um carro

¹ Trecho da Música “Eu quero é botar meu bloco na rua” – Sergio Sampaio

² Aquendar é um verbo da linguagem utilizada pelos homossexuais (bajubá), em seus espaços, que mistura termos do iorubá e gírias. Aquendar tem muitos significados: pegar, ficar, fazer sexo, olhar, perceber; também pode ser esconder. Nesse contexto em que estou utilizando, significa olhar, perceber, sentir.

³ Amigo de longa data de Laerte, Angeli escreveu com ele e Glauco (assassinado em 2010) a revista “Los Três amigos”, que trazia suas versões *cucarachas*, vivendo situações inusitadas em um faroeste ironizado.

passando: “Angeli, dá um jeito no Laerte, cara!”

As pessoas se assustam, mas assediam. Laerte conta que é muito mais assediada agora, depois de ter assumido sua identidade de gênero feminina. Ela se diz bissexual. Mas a identidade de gênero não se vincula direta e unicamente à sexualidade. Nem com o sexo.

[...] determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele. Essa sequência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto). (LOURO, 2008, p. 80).

Os processos não estão acabados. Apesar da definição que nos é imposta, já no seio materno, há as pessoas que, encorajadamente, vão na contramão dessas imposições. Laerte é uma dessas pessoas. Ela encontrou uma forma de expressar seus sentimentos, que não só pelos cartuns. Apesar de assumir que o cartum é ainda sua grande expressão, revela que o fato de ter se travestido chamou muita atenção.

Nas entrevistas que tem concedido, suas falas remetem à necessidade de se esclarecer mais sobre esse assunto. A prática que está exercendo pode ser considerada de militância. Seu trabalho, que sempre foi politizado, agora está voltado para a conscientização dessa necessidade de respeito e dos direitos das pessoas trans, que têm sido tão negligenciados. É um ser humano que está em construção de sua identidade e não se considera pronto, fechado e definido. A necessidade de defini-la vem de fora. Está se descobrindo, se reinventando, se percebendo e se modificando enquanto pessoa.

3 PARA COMEÇAR O “BATE CABELO”

Ney Matogrosso já havia balançado as estruturas, em 1970, quando se colocou no palco com uma postura totalmente diferente do que era visto até então. O uso das roupas coloridas, da maquiagem e dos adereços, além dos movimentos sensuais em sua dança e bastante feminilizados, colocou em xeque os padrões de “homem” e “mulher” definidos pela sociedade como algo inquestionável.⁵

⁴ “Bate cabelo” é termo do *bajubá* que define o momento em que a *drag queen* está fazendo show e inicia um movimento com a cabeça que leva a plateia ao delírio. Momento de loucura, alegria e festa.

⁵ João Silvério Trevisan discute amplamente essa questão. (Trevisan, 2000).

Não quer dizer que um homossexual, só porque é homossexual, tem que se vestir como mulher. A questão toda está nos papéis que assumimos na sociedade e que nos são impostos, carregados de um cunho moral e religioso, que não envolve, necessariamente, a orientação sexual. Importa perceber que o mundo é hetero e todas as instâncias de nossas vidas se voltam para esse fato. Ser contrário a isso é muito mais do que difícil. Até as definições que fazemos, dentro do grupo dos trans, envolvem essa necessidade de rotular, dentro das possibilidades de um mundo regido por conceitos heterossexuais. As pessoas sofrem com as consequências das verdades de uma sociedade que funciona assim. Muitas foram expulsas de casa, afastadas da família, dos amigos, do trabalho, enfim, de toda a sua vida comum, unicamente pela revelação de seus sentimentos e desejos.

“As mulheres não são questionadas por usar calças, por usar cabelo curto a la “joãozinho”. Só porque a mulher usa calça, não quer dizer que ela gosta de mulher. Agora, se o homem usar saia, ele é viado. A gente pensa assim porque nossa sociedade é machista. Porque o homem não se revolucionou ainda, como a mulher fez!”⁶

Laerte nasceu em São Paulo. Em quarenta anos de carreira, criou personagens variados, publicando por anos no Pasquim e na conhecida revista Piratas do Tietê. É cartunista da Folha de São Paulo há muitos anos, ocupando lugar de prestígio entre os representantes de sua classe. Em 2009, a cartunista surpreendeu a todos aparecendo vestida de mulher, dizendo ser adepta do crossdresser. Mais tarde, parou de usar o termo, pois considera muito classista. Prefere intitular-se como travesti, transgênero: “O *crossdresser* é um travesti. Só que de classe média. Se lhe aplicarem a pecha de travesti, ele morre. *Eu? Sou fina. Sou educada, não faço barraco na rua!*” (Revista **piauí**, 2013, p. 18).

A necessidade premente de discutir as questões de gênero é visível. Atualmente, fala-se bastante sobre essa temática, mas ela fica voltada para o gênero feminino. As questões sobre sexo até são mais discutidas, no entanto, falar sobre gênero e, ainda mais sobre transgêneros, ainda é algo bastante inusitado:

“As pessoas até falam sobre sexo, hoje em dia: ‘Ah, meu pau é grande. Ah, eu não consigo gozar.’ Mas a questão do gênero é uma coisa incompreensível. Por que você quer se vestir de mulher? Você é mariquinha? As questões buscam

⁶ Entrevista Laerte Coutinho ao programa De frente com Gabi. Exibido em 12 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

sempre essa tal da congruência entre o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual. [...] As pessoas não aceitam a imensa diversidade que existe.”⁷

Falar de travestis ainda é um tabu. Segundo a opinião de Laerte, as pessoas se sentem encantadas pelo universo da travesti, entretanto, ainda não conseguem superar a visão de que se trata de algo estranho e subversivo.

“No Brasil, as pessoas curtem muito travesti. [...] Travesti sempre existiu e sempre foi muito procurado. Mas também sempre foi muito demonizado. [...] No Brasil existe um modo duplice de lidar com isso, de manter e procurar, mas ao mesmo tempo demonizar, de manter longe das famílias, no lugar longe.”⁸

Ainda percebemos as pessoas trans como uma visão carnalizada da realidade. Temos um preconceito que está incrustado, de tal forma, que mesmo as visões mais esclarecedoras sobre esse tema ainda são dotadas de preconceitos e visões cristalizadas.

Laerte critica a congruência exigida pela sociedade, de que haja equivalência entre sexualidade e identidade de gênero. E questiona. Juntamente com amigas, que conheceu no BCC (*Brazilian Crossdresser Club*), a cartunista resolveu criar uma Ong que estivesse voltada para a militância pelos direitos que envolvem *transgeneridade*. A Ong ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s) não só busca debater tais questões, como promove um movimento esclarecedor e de orientação a quem está se descobrindo, se lançando nesse universo.⁹ Com palestras, eventos e congressos, tentam realizar esse conhecimento cultural, além de representar uma possibilidade de organização para esses grupos.

“Se uma pessoa se veste de mulher e é homem, nasceu homem, ela é bicha, viado, gosta de dar. Se a pessoa nasceu mulher, ela tem que se comportar como mulher. A necessidade dessa congruência dessas três camadas do ser humano é uma prisão, uma gaiola, uma convenção, não faz sentido. A mulher não precisa fazer isso. Elas já tão fazendo isso desde o século XIX. Elas já estão usando calça, usando botina, usando coturno, cortando o cabelo ‘joãozinho’. Há quantas décadas. [...] As mulheres estão se vendo e assumindo um outro lugar no mundo.”¹⁰

A cartunista reprimiu sua sexualidade durante muitos anos. Sua primeira experiência sexual foi com homem e foi muito ruim. Por anos, acreditou que conseguiria viver sua heterossexualidade. Teve filhos, três casamentos, namoradas; tentou assumir a heterossexualidade como algo certo para

⁷ Entrevista Laerte Coutinho ao programa De frente com Gabi. Exibido em 12 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

⁸ Entrevista Laerte Coutinho. Programa De Frente com Gabi.

⁹ <http://www.abrat.org/>

¹⁰ Entrevista Laerte Coutinho. Programa Gabi Quase Proibida. Exibido em 16 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Ylesk_rb9LY. Acesso em 29 de outubro de 2013.

sua vida. A percepção de que o ser humano está se construindo foi aparecendo, aos poucos, em seus discursos, de maneira, que, sem perceber, estava veiculando o ideário defendido por Judith Butler, teórica feminista, autora de livros que norteiam as discussões nessa área, conhecida como Teoria *queer*.

O desenho que fazia demorou até se aprofundar nessas questões. No entanto, já havia sinais da necessidade de falar sobre isso. Ela até comenta que, após começar a travestir um de seus personagens, o Hugo Barrachini, uma amiga é que chamou a atenção para a possibilidade de conhecer a questão trans. Assim como sua personagem dos quadrinhos, que se travestiu em Muriel, Laerte começou a se travestir e gostou. E assumiu sua realidade e suas vontades perante uma mídia e uma sociedade sedentas sobre o assunto tabu.

“Essa tira do Hugo foi a minha tira batidora, ela foi na frente e foi ela que atraiu o olhar de uma querida amiga, Maria Paula, que me escreveu um e-mail dizendo: Eu acho que você possa ser um crossdresser. [...] Muitas vezes eu fiz o Hugo se travestir e todo mundo sabe que até o Pernalonga, não há desenho que não se travista. Não quer dizer que o autor esteja fazendo isso de forma consciente, mas foi a partir daí que eu percebi.”¹¹

Laerte alega que não viveu preconceito algum no trabalho, nem na família, diferentemente da realidade da maioria das trans que conhece. Porém, ainda enfrenta problemas para usar banheiros em locais públicos. Ela chegou a passar por uma situação em que utilizou o banheiro feminino em uma pizzaria e uma cliente reclamou.

A utilização do humor e de seu trabalho como possibilidades para a militância na causa trans não é só de hoje. Seus cartuns são, em grande maioria, voltados para esse cunho conscientizador.

“O humor é uma linguagem ideológica, lógico que todo discurso humorístico tem um conteúdo ideológico. Mas ele contém certas características sem a qual o humor não se dá, a fagulha não acende. Ele tem que, necessariamente, partilhar do repertório do ouvinte. Ele tem que, necessariamente, falar com as convicções mais enraizadas do ouvinte, senão, a piada não acontece.[...] Eu acho que os humoristas estão muito voltados ao conservadorismo.”¹²

No entanto, não há como negar que sua postura de se “travestir” é que tem causado maior impacto na discussão. Laerte é já uma cartunista consagrada, com filhos que, em certa etapa da vida, sentiu a necessidade de assumir sua identidade feminina. Ao passar a se vestir de mulher, com apreço que utiliza, a modificar o pronome e, de início, a se chamar de Sônia, promoveu um choque

¹¹ Entrevista Laerte para o Roda Viva. Exibido em 07 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNT6kWzloWM>. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

¹² Entrevista Laerte para o Roda Viva.

em nossa sociedade, já que muitos se questionam dos motivos para ela agir assim. Por que sente essa necessidade? O que está querendo? O que pensa? – são questões que são voltadas à discussão. Intelectual que é, Laerte é questionada quase sempre dos motivos de estar, agora, já na meia idade, assumindo essa identidade.

Certamente, se sua postura não fosse essa, os questionamentos e a discussão seriam diferentes. Laerte possui respeito, apreço e está defendendo uma bandeira daqueles que estão à margem da sociedade. As pessoas trans sempre foram vistas com maus olhos, com muito preconceito. Suas vidas, muitas vezes, limitam-se às dificuldades de serem aceitas e respeitadas como são, nessa sociedade. Sabemos que, mesmo assumindo esse risco, Laerte não é tratada como são as outras trans de nossa sociedade. Pelo prestígio que tem e pelos anos de trabalho, Laerte possui um respeito, mesmo daqueles que não respeitam sua escolha. Já a grande maioria das trans é tratada com preconceito, falta de respeito e levada a viver exilada da sociedade comum. Sua orientação sexual nem sempre tem a ver com isso. Tal tabu parece esbarrar nas questões culturais e religiosas, de maneira que não se consegue ultrapassar o pensamento enviesado comum: são promíscuas, gente que vive de prostituição, pessoas de nível duvidoso, têm doenças e subtrabalhos. Ao se travestir, ao assumir sua identidade feminina, Laerte coloca-se no lugar dessas pessoas e assume sua luta pelo respeito e pelo direito de ser diferente.

“Eu acho que a gente, durante a vida, tem orientações, desejos, identidades e buscas diferenciadas. Eu não acredito que a pessoa seja uma coisa só, unívoca, como muita gente gosta de se ver. [...] Eu acho que a vida das pessoas comporta possibilidades e oscilações...”¹³

A questão que se levanta é que essas pessoas não querem ser homens ou mulheres. Elas não querem ser enquadradas em grupos fechados e prontos. São pessoas em construção, que não são estáticas. Gente que é feliz por ser diverso do comum. Que está mais preocupada com o caminho do que com a chegada. E que devem ser respeitadas por sua diversidade, pelo direito de ser o que quiserem, já que não estão ferindo o direito de mais ninguém. A não aceitação da sociedade é calcada em tabus e preconceitos retrógrados, normalmente, cunhados por religião e doutrinas ditadoras.

O direito de ser diferente, de ser respeitado pelo que se é.

¹³ Entrevista Laerte para o Roda Viva.

4 PARA UM PENSAMENTO *QUEER*

Queer quer dizer: adj 1 esquisito, ridículo, fantástico, estranho. 2 adoentado. 3 sl homossexual, veado, bicha louca. vt 1 estragar, arruinar. 2 embarçar, desconcertar.¹⁴

[...] a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. [...] Esse termo, com toda sua carga de estranheza e deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. [...] *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2008, p.38-39).

Pensar *queer* é pensar desconcertando, arruinando, desconstruindo a noção que se tem. A ideia é desconstruir a noção cultural que assimilamos. Ser múltiplo, diverso, fluído e ambíguo são possibilidades para se pensar as questões de gênero e como abordá-las em discussões na educação. Questionar a necessidade de afirmação da identidade de gênero e as consequências dessa afirmação também são pontos importantes.

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como “natural”. (LOURO, 2008, p. 45-46).

Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. O termo *queer* quer perverter, ser subversivo, impertinente, profano, desrespeitoso.

As classificações são improváveis. Escapa aos enquadramentos. Evita operar com dualismos. Contrapõe-se à segregação e ao segredo experimentados pelos sujeitos “diferentes”. Quer discutir, dismantelar, não busca resposta, mas sim, procura desconstruir e conhecer. Perceber.

Desconstruir a ideia que se tem de gênero para possibilitar um lugar onde todos sejam respeitados e aceitos, em suas diferenças e peculiaridades. Extrapolar o lugar-limite em que são colocadas essas temáticas; se esse comportamento de preconceito e não aceitação do diferente é cultural, pode-se afirmar que é ensinado. Esse movimento de educar para a diferença pode ser possibilitado também.

¹⁴ Dicionário online Michaelis.

Questões simples como:

“Por que o banheiro masculino é invariavelmente mais sujo que o feminino? Será apenas uma decorrência da anatomia de cada sexo? Por que o fraldário [...] fica dentro do banheiro feminino? Por que é tão natural a ideia de que são as mulheres que devem trocar as crianças?”¹⁵

Quantas crianças têm seus desejos sufocados diante dos grupos fechados em que colocamos as pessoas? Será que nossas instituições educacionais estão preparadas para promover uma discussão sobre esse tema e passar a entender (antes mesmo de aceitar e respeitar) essa diversidade? Sabemos que muitas são as pessoas que crescem escondendo o que são, a vontade que sentem, só tendo coragem de assumir suas identidades quando são adultas ou já calejadas pela vida. Por que não permitir uma discussão que comece a respeitar essa possibilidade de diversidade, de maneira a não continuar promovendo esse mal estar?

Assim, o trabalho desenvolvido pela Laerte, com suas tiras e discursos sobre o universo “trans” podem possibilitar um movimento educativo, de esclarecimento sobre as questões, de quebra de tabus e de possibilidade de enxergar outros lados. Seu trabalho não poderia ser mais bem humorado e militante do que é, mas sua figura sustenta, ainda, a leveza e a doçura de quem está se descobrindo e possibilitando uma nova perspectiva.

5 CRIADORA E CRIATURAS

A obra de Laerte sempre foi ligada à militância e à conscientização. Em revistas e jornais, a cartunista utilizava o humor e o desenho para tecer críticas à sociedade e a comportamentos e hábitos presentes em nossa realidade.

Não foi diferente com o caso da Muriel, que iniciou como Hugo Baracchini e passou a se travestir, adotando posturas e questionamentos sobre a realidade trans de nossa sociedade. Por meio da personagem, Laerte fala, manda o recado, explicitando opiniões, militando, mas principalmente, questionando verdades e tabus.

¹⁵ Revista piauí, n° 79, abril, 2013.

Figura 1 – Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



Nessa tira, Laerte apresenta as duas personagens, Hugo e Beth. Hugo ainda está se descobrindo com relação a se travestir e Beth, sua antiga namorada, estudante de psicologia, lhe dá conselhos sobre a realidade feminina, abordando conhecimentos sobre psicologia. Com um grosso livro em mãos, Beth diz a Hugo que a psicologia pode explicar seu comportamento, nomeado por ela de “ridículo”. Beth, assim como toda a sociedade em que vivemos, entende o comportamento trans como algo doente, que deve ser curado e tratado pela psicologia ou psiquiatria. Hugo, vestido de mulher e usando saltos, com cabelo comprido, pega o livro em mãos e o coloca na cabeça, usando-o para caminhar com postura, a exemplo de como fazem muitas modelos, quando estão aprendendo a caminhar com a postura correta. Ou seja, a atitude de Hugo diante da fala da outra personagem demonstra que, na verdade, ele não se importa com o que diz a sociedade ou com a forma como se colocam os padrões. A sua postura é de quebrar e questionar essas verdades, buscando apenas ser o que é, ser feliz e se sentir bem.

Figura 2 - Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



Nessa tira, Hugo aparece de camisola, usando brincos, mas de cabelo curto. Está em casa, deitado sobre uma almofada, com uma revista nas mãos. Ao encontrar um teste, a exemplo dos que são comuns em revistas femininas, ele se diz alegre e se dispõe a fazê-lo. No entanto, diante das possibilidades apresentadas como resposta à pergunta: “Você se define como:”, Hugo joga a revista com a frase: “Ô, tédio...”. Dessa maneira, a personagem questiona a necessidade de se definir, tão visada por nossa sociedade e por nossos comportamentos. A exemplo do que é dito pela teoria *queer*, a personagem não vê necessidade ou utilidade em se definir. Laerte questiona,

assim, as classificações que tanto nos perturbam, de acordo com nossos comportamentos. Como já reiterou em entrevistas, a cartunista diz não se definir, pois é um ser humano em construção, que não vê motivos para utilizar definições fechadas sobre sua forma de ser, já que pode mudar de ideia durante o processo.

Figura 3 - Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



Na tira anterior, encontramos Hugo em meio a vários homens, que lhe dizem que vão reeducá-lo, por conta de apresentar um comportamento que não seja tido como masculino. Na sociedade em que vivemos, os papéis de homens e mulheres são definidos desde criança, quando começamos a vida. Nossos pais, escola, religião e outras instituições nos impõem comportamentos entendidos como de um gênero e de outro. Sendo assim, definem-se as roupas a serem usadas, as cores que são permitidas, os brinquedos possíveis, os cortes de cabelo, os trejeitos e as atitudes possíveis. É de costume salientar o viés frágil do gênero feminino, as cores claras, as roupas delicadas, os cabelos compridos, o uso de acessórios. A docilidade e a gentileza, a prática de atividades mais calmas, caseiras e de cunho delicado. Também ao gênero feminino atribuem-se as responsabilidades com o cuidado da casa e das crianças. Em contrapartida, ao gênero masculino são atribuídas as cores escuras, as roupas mais pesadas, o cabelo curto, a firmeza de sentimentos (Homem não chora), a capacidade de decisão e poder, ou seja, o domínio sobre a família e a casa.

Assim, ao gênero masculino não são permitidas as práticas de sensibilidade, pois isso é imediatamente vinculado à orientação sexual. Se o homem é sensível e não se veste com o padrão imposto, ele é “viado”. Os questionamentos com relação à identidade de gênero ainda são muito relacionados à orientação sexual, limitando comportamentos e colocando a questão como algo pejorativo.

O comportamento questionado na tira coloca Hugo em meio a homens que apresentam atitudes grosseiras e até de pouca educação, constantemente vinculadas ao gênero masculino: arrotar, peidar, gritar. Assim, Laerte questiona os comportamentos atribuídos a um e outro gênero, de forma a fazer pensar sobre a realidade que nos está posta e que continuamos a reproduzir. Por

que homens precisam ser grosseiros, até mal educados? Por que homens não podem chorar? Por que homens não podem usar um vestido, acessórios? O que tem isso a ver com a sexualidade? Qual é o problema que nos impede de ver a questão com bons olhos?

Figura 4 - Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



Na tira 04, Hugo encontra-se entrando em um restaurante. Na porta, é barrado por um homem que lhe diz que não se pode entrar com “esses trajes”, já que Hugo está travestido, usando saia e blusinha, bolsa, sapatos e acessórios femininos. Diante da fala, Hugo se observa e desaparece. No próximo quadrinho, surge com um novo penteado, mais fino e requintado, assim como com um vestido longo, sapatos de salto e uma bolsa e acessórios mais pertinentes ao vestido. O humor está contido no sarcasmo utilizado por Hugo, ao fingir não perceber a real intenção da fala do segurança à porta, já que não estava referindo-se ao tipo de vestimenta por ele usado, mas ao fato de ser um homem usando roupas de mulher. Ironicamente, Hugo aparece vestido com trajes mais pertinentes a um restaurante familiar, mas ainda utilizando roupas do gênero feminino. Dessa maneira, a cartunista apresenta o questionamento e possibilita o riso que critica o comportamento, mas que também faz refletir sobre a questão.

Infelizmente, essa é ainda uma realidade muito comum. São muitas as travestis que são barradas em locais públicos, com a desculpa de que ofendem as outras pessoas. Inclusive em banheiros públicos. A própria cartunista sofreu uma situação parecida, quando foi utilizar o banheiro de uma pizzaria e foi reprimida por escolher o banheiro feminino. Usar o humor para questionar a situação pode deixar a reflexão mais leve, no entanto, ainda é uma crítica forte e precisa sobre uma situação desagradável enfrentada pelas travestis. Entretanto, não somente esse direito lhes é tirado. As trans são impedidas de receber boa educação, de ter bons trabalhos, de serem aceitas em sua identidade, unicamente por conta do preconceito e das desculpas calcadas na moralidade e nos bons costumes, ainda impostos por religião e valores tradicionalistas e conservadores.

Figura 5 - Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



Na tira anterior, Hugo apresenta-se travestido a conversar com uma mulher, que lhe diz que a personagem não será uma mulher verdadeira nunca. Hugo, já se identificando como Muriel, faz movimentos com as mãos e pede que a outra personagem os imite. Quando ela não consegue, Muriel enfatiza que ela não deve se preocupar, já que nunca será uma verdadeira Muriel. Essa tira ironiza o comportamento de algumas mulheres que satirizam a identidade de gênero das trans, sempre com o argumento de que não são verdadeiras mulheres. Para sustentar tal argumento, essas pessoas dizem que uma mulher tem que ter os órgãos reprodutores femininos. Ora, diante disso, infelizmente as mulheres que têm câncer e precisam retirar seus órgãos reprodutores não mais seriam mulheres. Tal argumento pauta-se unicamente no entendimento de que o gênero é algo biológico e não construído socialmente. Somos mulheres porque nos tornamos mulheres, porque nos é ensinado ser mulher, já dizia Simone de Beauvoir. Independentemente da parte biológica, a identidade de gênero é algo que se constrói na representação do ser, de como ele se entende na vida e na sociedade, do que lhe corresponde e não apenas de sua composição biológica.

Figura 6 - Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>



A última tira aborda a temática por outro viés, mas ainda questionando o respeito às pessoas trans, bem como à forma como são abordados assuntos importantes nas mídias e meios de comunicação. Muriel está conhecendo um apresentador de programa televisivo, que enfatiza que sua participação no programa será com o intuito de discutir questões de transgeneridade, o que

será feito de forma respeitosa e com dignidade. No quadrinho seguinte, Muriel aparece com o apresentador, mas diante da tela há uma legenda pejorativa e de mau gosto com relação à questão trans. Dessa maneira, Laerte chama a atenção para a verdadeira intenção de alguns meios de comunicação, que só querem polemizar a questão ainda mais. A abordagem distorcida sobre o assunto só perpetua questões de preconceito. O papel da televisão e de outros meios de comunicação, que seria o de formar opinião, é visto como maléfico, já que não aborda a questão de forma séria e em sua plenitude, apresentando apenas meias verdades e fatos distorcidos, com a intenção de conseguir audiência.

As situações abordadas pelas tiras de Laerte são o reflexo de uma realidade compartilhada por muitas pessoas trans, talvez, a maioria. O desrespeito, as críticas descabidas, a negação de direitos básicos, a visão distorcida de suas realidades são fatos já corriqueiros para muitas pessoas trans. Dessa maneira, as tiras não somente possibilitam um olhar mais cuidadoso sobre essas situações, como fazem refletir sobre tal realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo iniciado aqui não encerra todas as possibilidades de discussão sobre a questão trans. Chamar a atenção a essa temática, como tem feito a cartunista Laerte, por meio de suas tiras, é de extrema importância, a fim de questionar realidades e diminuir injustiças.

Os preconceitos, incrustados em nossa realidade, cristalizam-se em discriminação e não permitem o acesso aos direitos mais básicos, como educação de qualidade e formação profissional. Portanto, muitas dessas pessoas vivem às margens da sociedade, buscando na prostituição, sem outra opção, seu lugar de cidadãos.

Os questionamentos representados por meio das tiras da cartunista Laerte são, de fato, um movimento educativo e conscientizador a respeito dessa temática, já que fazem pensar sobre tabus e refletem a sociedade atual.

Os estudos sobre identidade de gênero são essenciais para sanar dúvidas e possibilitar uma nova abordagem sobre tal vivência. A teoria *queer* apresenta-se como possibilidade para embasar tais estudos, evidenciando que não há necessidade de definições, mas de respeito e oportunidade às diversidades existentes em nosso mundo.

A cada ano, o Brasil mata mais travestis do que qualquer outro país no mundo¹⁶. A necessidade de discussão de tal temática é pertinente, senão, urgente, a fim de reverter tal quadro.

¹⁶<http://super.abril.com.br/comportamento/o-recorde-que-nao-queremos-ter-somos-o-pais-que-mais-mata-transexuais>

A cobrança por políticas sociais favoráveis ao acesso aos direitos desse grupo não se encerra apenas na esfera particular, vinculada a eles; mas sim, faz parte de um movimento que deve envolver toda a sociedade, questão evidenciada pelas tiras da cartunista, ao questionar e contrapor possibilidades consideradas únicas até então, como as expressões de identidade de gênero e o universo transgênero.

Mais do que lutar por direitos, devemos lutar pelo direito de podermos ser e expressar aquilo que quisermos, sem a condenação de toda uma sociedade por conta de nossas vontades e expressões. Devemos lutar pelo direito à diversidade.

7 REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the Discursive Limits of Sex*. Taylor & Francis e-Library, 2011.

ENTREVISTA Laerte Coutinho. Programa Gabi Quase Proibida. Exibido em 16 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Ylesk_rb9LY. Acesso em 29 de outubro de 2013.

ENTREVISTA Laerte para o Roda Viva. Exibido em 07 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vNT6kWzloWM>. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. **In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, marcas de poder. **In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Uma política pós-identitária para a Educação. **In: Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Revista **piauí**. N° 79 – Abril, 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.

Entrevista Laerte Coutinho ao programa De frente com Gabi. Exibido em 12 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

Title

Laerte and the "trans" expression through Muriel comic strips: for the right to be different.

Abstract

This study aims to analyze some of the comic strips of the cartoonist Laerte Coutinho, including the series entitled "Muriel", considering its educational relevance, since it reveals a new view on the gender identity issue. Faced with the fact that this cartoonist assumed her feminine gender identity, becoming military through transgender causes and receiving visibility in the media and in events pertinent to the theme. Her work is considered of relevance, since the strips do not detach themselves of her militancy for the cause. The research will be based on theorists who study queer theory, whose discussions are more related to the discourses of the cartoonist in question, such as Butler (2011) and Louro (2008). The comic strips were chosen randomly, prioritizing those that deal with the rights and the difficulty of adaptation within society, which is faced by most trans.

Keywords

Comic strips; gender identity; queer theory; education.

Recebido em: 15/02/2017.

Aceito em: 20/04/2017.